

RASO, LARGO, PROFUNDO

Aos 25 anos, Gabriela Melzer explora a materialidade e a efemeridade na arte abstrata e se prepara para sua primeira exposição individual, em Portugal

POR MARÍLIA KODIC

Há algo em suspensão na arte de Gabriela Melzer, como se capturasse em cor e forma o exato instante da dissolução – uma amálgama ao mesmo tempo explosiva e evanescente. “Como manter a fisicalidade da arte quando tudo se desfaz em imagens modificadas digitalmente que se perdem em instantes? Me interessa explorar a relação entre arte e experiência sensível em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia”, diz a artista de 25 anos.

Com um senso estético apurado e uma trajetória que começou na infância e se consolidou com estudos em Nova York, Melzer rapidamente se tornou nome proeminente no meio artístico, participando de mostras coletivas, assinando uma collab com a estilista Giuliana Romanno e, desde o fim do ano passado, sendo representada pela galeria paulista Galatea. Em julho, ela estreia sua primeira exposição individual, na Fema Gallery, em Portugal. A seguir, ela fala mais sobre processos e percepções.

FORBESLIFE FASHION: Que emoção você deseja transmitir por meio do seu trabalho?

GABRIELA MELZER: Procuo abrir um diálogo em que o espectador possa se perder, se encontrar ou até questionar suas percepções. Quero evocar algo genuíno, seja um sentimento de introspecção, inquietação ou liberdade. Deixo um caminho aberto para que cada um tenha sua própria experiência, sem se sentir intimidado a ver algo que “deveria”.

FLF: Como a cultura brasileira se manifesta na sua arte?

GM: Sou fascinada pelo Brasil. A complexidade da nossa cultura é uma das coisas mais ricas e bonitas que já existiram. Sou fortemente inspirada pelas formas naturais que se revelam nos córregos dos rios, nas cores das flores, nos movimentos dos pássaros. Nenhuma natureza é tão bela quanto a nossa. O Brasil também carrega uma energia muito forte pela fé que se manifesta de tantas formas. Há quem perceba algo místico no meu trabalho, e acho que esse misticismo é brasileiro.

FLF: Suas obras são frequentemente descritas como oníricas e etéreas. Concorda com essa definição?

GM: Gosto muito da palavra onírica e acredito que se encaixa bem. Por um período, pintei em uma varanda com vista para um final de tarde lindo. O céu se transformava em uma dança entre o movimento e a tonalidade. Aquela imagem ficou profundamente gravada em mim. Minha estética tem um caráter de leveza e movimento, mas também de profundidade.

FLF: Como seu trabalho dialoga com o imediatismo da sociedade moderna?

GM: Hoje tudo acontece rapidamente, tudo é líquido, e as mudanças são contínuas e imprevisíveis. Meu trabalho reflete esse dinamismo, essa fragmentação e a multiplicidade da experiência contemporânea. Ao mesmo tempo, ele é quase um resgate de um olhar de pausa e contemplação.

FLF: Historicamente, os museus foram dominados por narrativas predominantemente masculinas. Você vê uma mudança em curso?

GM: Sim. Mais do que nunca, as mulheres têm a oportunidade de se expressar de modo autêntico. Mas elas ainda precisam lutar constantemente para provar seu valor intelectual, muitas vezes com esforço desproporcional ao dos homens.

FLF: A arte contemporânea reflete e tensiona dinâmicas sociais. Qual é o papel do artista nesse contexto?

GM: Múltiplo. Alguns expõem questões do presente, visibilizando contradições sociais ou culturais. Outros propõem alternativas, imaginam futuros ou resgatam narrativas. Independentemente do caminho, existe uma responsabilidade em criar espaços de sensibilidade e pensamento crítico. Há questões amplamente debatidas, como identidade, poder e memória, mas que sempre podem ser aprofundadas. Tenho me inspirado nessa tensão entre a intenção e o acaso, na pintura e na vida.

FOTO: JESS PAULETTO

